

+

## FESTA DA INVENÇÃO DA SANTA CRUZ (DOMINGO III DEPOIS DE PÁSCOA)

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Reverendos Padres, estimados fiéis,

Convinha ao nosso divino Rei se apresentar apoiado no cetro do seu poder, para que nada faltasse à majestade do seu império. Este cetro é a Cruz, e corresponde ao Tempo Pascal, tributar-lhe homenagem. Contemplávamos antes a cruz como objeto de humilhação para Nosso Senhor, o leito de dor sobre o qual expirou; mas não venceu Ele a morte? Acaso essa mesma Cruz não se tornou o troféu da sua vitória? Portanto, que todo joelho se dobre diante do Augusto madeiro pelo qual Jesus mereceu a honra que hoje lhe tributamos<sup>1</sup>. Falaremos, então, da origem histórica desta festa litúrgica e de seu profundo significado teológico.

**Em primeiro lugar, queridos fiéis, a origem desta festa<sup>2</sup>**, que nos foi transmitida pelo testemunho de Rufino<sup>3</sup>, Teodoreto<sup>4</sup> e São Teófanos<sup>5</sup>, atesta que o Imperador Constantino Magno<sup>6</sup>, no XXI ano do seu reinado, mandara a São Macário, Patriarca de Jerusalém<sup>7</sup>, que havia estado presente no Concílio de Nicéia, que,

---

<sup>1</sup> Dom Próspero Gueranger OSB, "El Año Litúrgico", Tomo III, El Tiempo Pascal, 3 de mayo: La invención de la Santa Cruz, pág. 367, edición Aldecoa, 1956.

<sup>2</sup> Ioannes Bolandus, S.J., "Acta sanctorum", anno MDCXLIII, Maii, T. I, die III maii, Caput I, pág.: 361.

<sup>3</sup> Tirânio Rufino ou Rufino de Aquileia, 340(345) – 410(411).

<sup>4</sup> Teodoreto de Ciro, 393 – 458(466).

<sup>5</sup> Theophanes Homologetes, 752(760) – 817.

<sup>6</sup> 272 – 337.

<sup>7</sup> 312-335.

ao regressar à Terra Santa, buscasse o Santo Sepulcro, o Calvário e a Santa Cruz.

Naquele mesmo ano, a Imperatriz Santa Helena, inspirada por Deus, com a anuência de seu filho e levando consigo imensas riquezas, partiu a Jerusalém, para procurar a Cruz do Senhor, cuja busca foi acompanhada de fervorosas orações e jejuns.

Finalmente, São Macário, mediante revelação divina, indicou o lugar onde a cruz fora enterrada, debaixo do templo de Vênus, construído pelos gentios, a fim de abolir toda a lembrança da Paixão do Salvador. Uma vez purificado o local de todas as abominações pagãs e de cavar profundamente, encontraram-se três cruzes. Após ter dirigido a Deus fervorosas orações, São Macário pediu que se tocasse com as cruzes uma mulher gravemente enferma, que jazia sem respiração e destituída de todo movimento. As duas primeiras não tiveram nenhum efeito, porém só a sombra da terceira cruz devolveu imediatamente a saúde à enferma, revelando-se assim o Verdadeiro e Santíssimo Lenho.

Uma parte da Cruz, Santa Helena a encerrou num belíssimo relicário de prata e pedras preciosas e o depôs na Igreja que mandara construir sobre o monte Calvário, a Basílica do Santo Sepulcro. A segunda metade do Lenho bem como os cravos que pregaram o Corpo de Cristo ao mesmo, ela levou consigo para Roma, colocando-os em seu palácio, a atual Basílica de Santa Cruz de Jerusalém. Constantino pouco depois promulgou uma lei que proibia que um condenado padecesse o suplício da Cruz, colocando entre o que havia de mais glorioso e digno de veneração um objeto que até então havia sido sinal de desprezo e opróbrio, assinalando, então, a derrota do paganismo e o triunfo da verdadeira e única religião<sup>8</sup>.

**Em segundo lugar, após este resumo histórico, amadíssimos irmãos, devemos tratar do profundo significado desta festa.**

---

<sup>8</sup> Matinas da festa, lições do II noturno.

Devemos ou não dar culto à Cruz do Senhor? Os ímpios e hereges nos arguem, dizendo: que sentido há em dar culto à cruz? Donde vem tamanha loucura e crueldade dos católicos em honrar o instrumento do suplício de Cristo? Respondemos a estas objeções, em primeiro lugar, com um argumento de autoridade, ou seja, as mesmas palavras do Apóstolo São Paulo: “*longe de mim o gloriar-me senão da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*”; e, em outra parte, o Doutor das gentes reprova os “*inimigos da cruz de Cristo*”<sup>9</sup>. Santo Tomás<sup>10</sup>, comentando estas palavras, explica que cada um se gloria naquela coisa, pela qual é tido por grande. Assim, alguns se reputam grandes pelas riquezas, gloriam-se nelas e em outras coisas. No entanto, quem se reputa grande em nenhuma outra coisa que em Cristo, este se gloria só em Cristo. Tal era o Apóstolo, que dizia: “*vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*”<sup>11</sup>.

E por isso, não se gloria senão em Cristo, principalmente na Cruz de Cristo, porque nela se encontram todas as coisas, das quais os homens costumam se gloriar. Pois alguns se gloriam da amizade com os magnatas, e o Apóstolo encontra isto sobretudo na cruz, porque nela se faz evidente o signo da amizade divina. Nada demonstra assim a sua caridade para conosco, como a morte de Cristo [por nós].

Além disso, alguns se gloriam da ciência. E o Apóstolo encontra esta ciência mais excelente na cruz: “*julguei que não devia saber coisa alguma entre vós senão a Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado*”<sup>12</sup>. Pois na cruz está a perfeição de toda a Lei, e toda a arte de bem viver. [A cruz é uma escola de perfeição].

Ademais, alguns se gloriam do poder. E este poder o Apóstolo teve máximo pela cruz. “*A palavra da cruz é uma loucura para*

---

<sup>9</sup> Fil. III, 18.

<sup>10</sup> Santo Tomás de Aquino, *Commentarium super epistolam ad Galatas*, Caput VI, Lectio IV, 370-373.

<sup>11</sup> Gal. II, 20.

<sup>12</sup> I Cor. II, 2.

*os que se perdem, mas, para os que se salvam, isto é, para nós, é a virtude de Deus”<sup>13</sup>.*

Outrossim, alguns se gloriam da liberdade alcançada. E esta o Apóstolo a conseguiu pela cruz. *“O nosso homem velho foi crucificado juntamente com ele [Cristo], a fim de que seja destruído o corpo do pecado, para que não sirvamos jamais ao pecado”<sup>14</sup>.*

Também, alguns se gloriam por serem associados a uma grande assembleia. Mas, pela cruz de Cristo somos associados à corte celeste.

Por fim, certos se gloriam do signo triunfal da vitória. Porém, a cruz é o signo triunfal da vitória de Cristo contra os demônios: *“(...) [Cristo] despojou os principados e potestades (infernais), e fez deles um objeto de escárnio público, triunfando deles pela cruz”<sup>15</sup>.*

Em segundo lugar, caríssimos fiéis, respondemos à estas ímpias objeções com o argumento teológico: damos culto de adoração Àquele em quem pomos toda a esperança da nossa salvação. Ora, pomos em Cristo, na cruz de Cristo a esperança da nossa salvação, como canta a Igreja no hino do tempo da Paixão: *“Ave, ó cruz, nossa única esperança!”<sup>16</sup>*. Mas como um instrumento de tortura e de morte pode nos dar esperança de vida, vociferam os infiéis? Porque foi mediante a morte de Nosso Salvador, e morte de cruz, que Ele reparou a honra divina ultrajada e ofereceu, em nosso lugar, uma satisfação perfeita e superabundante pelos nossos pecados<sup>17</sup>. *“(...) Foi do agrado do Pai – pregava São Paulo aos Colossenses – que residisse nele [em Cristo] toda a plenitude [da graça] e que por Ele fossem **reconciliadas** consigo todas as*

---

<sup>13</sup> I Cor. I, 18.

<sup>14</sup> Rom. VI, 6.

<sup>15</sup> Col. II, 15; I Cor. X, 22-25.

<sup>16</sup> Hino “*Vexilla regis*”, Vésperas do tempo da Paixão.

<sup>17</sup> Satisfação Vicária; S.T., III<sup>a</sup> Pars, q. 48, a.2.

*coisas, pacificando pelo sangue da sua cruz, tanto as coisas da terra como as do céu”<sup>18</sup>.*

Os judeus, os gentios e os hereges consideram a cruz como o opróbrio de Cristo, como a sua derrota. Nós, pelo contrário, considerando o efeito que ela produziu, o efeito do qual ela foi o instrumento, isto é, a nossa salvação, consideramo-la não uma fraqueza senão como a virtude divina, com a qual Nosso Senhor triunfou dos inimigos; consideramo-la não como uma derrota senão como a sua vitória. Concluimos, portanto, com Santo Tomás<sup>19</sup> que a excelência da cruz é suma, pela união singular que ela teve com Nosso Senhor: *“primeiro, porque nos representa a figura de Cristo estendido nela (...) por isso dirigimos palavras e oração à Cruz como o faríamos ao próprio crucificado; segundo, por causa do contato da cruz com os Seus membros e por ela ter sido embebida no seu Sangue [Precioso]”*. Portanto, bastam estes argumentos para demonstrar a legitimidade do culto católico à Santa Cruz bem como para refutar as falácias dos ímpios.

Peçamos, então, estimadíssimos fiéis, à Santíssima Virgem Maria, à Virgem dolorosa, que permaneceu intrépida aos pés da Cruz, que neste mês de maio, dedicado em sua honra, comunique-nos a sua devoção a este santíssimo madeiro, *“árvore brilhante e decorosa, ornada com a púrpura do Rei, escolhida para tocar, com seu tronco (mui) digno, tão santos membros (...) feita balança do corpo (de Cristo), da qual esteve suspenso o preço (do resgate) do mundo”<sup>20</sup>*. Peçamo-lo, também, pela intercessão do glorioso Patriarca São José.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

---

<sup>18</sup> Col. I, 19-20.

<sup>19</sup> S.T., III <sup>o</sup> Pars, q.25, a.4, ad corpus.

<sup>20</sup> Hino “*Vexilla regis*”.